CARTOGRAFIAS IMPROVÁVEIS: POSTAIS DA (IN)VISIBILIDADE

IMPROBABLE CARTOGRAPHICS: POSTCARDS OF (IN)VISIBILITY

Ludmila Helena Rodrigues dos Santos [1] et.al.[2]

O presente relato é fruto de uma pesquisa-ação[3] proposta na disciplina "Arte e Sociedade", ministrada na Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (INHCS/UFG/RC). Tal iniciativa objetivou a operacionalização de uma ação artístico-acadêmica com as/os estudantes do referido curso, intencionando uma apreensão sensível-inteligível do recorte teórico estudado em sala de aula.

Assim, a pesquisa-ação se efetivou pelas seguintes ações práticas-teóricas:

1) Confecção de cartões-postais que questionam, pelo recorte das visibilidades neles (re)produzidas, a noção de belo atrelada constantemente ao turismo e consumo dos lugares;

2) Construção de um (re)mapeamento sensível da cidade de Catalão, ancorado nas abstrações teóricas efetivadas nos recortes visuais eleitos pelas/os estudantes;

3) Criação de um texto teórico-sensível, no qual o postal é endereçado a um interlocutor ficcional ou não. A intenção é explicitar este olhar que seleciona paisagens e passagens (geográficas, textuais, afetivas, etc.) dialogicamente, pensando a ação artística e a teoria sempre em relação com outrem, e esta alteridade ativa e relacional.

Ante o exposto, o objetivo desta proposta era produzir, a partir do conteúdo e discussões teóricas, novas visibilidades, (re)significando o território e o olhar cotidiano para a cidade de Catalão, Goiás.

O intento tenciona possibilidades de outros modos de produção, de diálogo e das compreensões do que é realizado no interior da universidade e nas disciplinas curriculares. O trânsito em outros formatos busca uma "interpretação densa"

[1] Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP,Brasil. E-mail: ludhrsantos@gmail.com.
[2] ALINE MOREIRA MENDES MINDURI; AMANDA SILVA DE OLIVEIRA; BEATRIZ SILVA LIMA; DALILA RODRIGUES BARROS; ERIKA SANTOS E ALVES; FELIPE NARDI VASCONCELOS; HÍGOR KLEIZER DE OLIVEIRA MOREIRA; HILDAVILLY KAIRON SANTOS DE ALENCAR; JOVANA LINO BONTEMPO; LUDMILA HELENA RODRIGUES DOS SANTOS; LUIS EDUARDO SANTOS FALEIROS; NOEMI AQUINO SILVA; RENAN FIGUEIREDO LIMA; TAINA DE RAFAEL MAURICIO; VIVIAN COSTA SANTOS.
[3] David Tripp em artigo publicado na plataforma Scielo intitulado "Pequisa-ação: uma introdução metodológica" defende que "se encare a pesquisa-ação como uma das muitas diferentes formas de investigação-ação, a qual é por ele sucintamente definida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática" (TRIPP, 2005, p. 443).

e dialógica da teoria efetivada em iniciativas como: a confecção de postais cujas imagens se colocam mais como "pensativas" do que denotativas ou construtoras de noções pré-fabricadas dos espaços citadinos, a busca de uma interlocução acerca das (in)visibilidades retratadas, e, por fim, a realização de um texto coletivo que também cumpre um papel de (re)mapeamento afetivo dos espaços (múltiplas aparições que se afirmam no território e nas percepções).

Esta dinâmica de circulação e produção de postais – geralmente tidos como cartões enviados que expressam "lembranças" (termo que pode designar tanto memórias como objetos presenteáveis) que marcam, concomitantemente, distâncias físicas e presenças simbólicas – convoca, assim, a ver e "partilhar" outros olhares possíveis sobre a cidade para além da experiência turística, geralmente atrelada à construção de imagens vendáveis e consumíveis. Uma ação que repensa as vivências e olhares prescritos (cerceados e cerceadores de "lembranças", espaços e estéticas), (re)inventando o lugar e suas experiências.

Portanto, endereçamos as produções também à/ao leitora/or deste relato, convidando a esta caminhada pela cidade, pela sensibilidade e pela teoria na exposição de 14 postais de distintas autorias[4] que constroem estas cartografias improváveis.



Imagem 1: Sem Título I
Fonte: Arquivo pessoal.

[4] Por isso, é importante ressaltar, que este relato possui 15 (quinze) distintas/distintos autoras/autores, sendo, portanto, uma produção coletiva. A submissão do relato foi feita, por uma questão de impossibilidade de um cadastro múltiplo, pela docente da disciplina.

Querido Rancière,

Mando-lhe este postal para mostrar-lhe que o conceito de arte vem mudando ultimamente, estamos vivendo um momento de exaltação tecnológica e o antigo preconceito sobre a ideia de fotografia ser arte já não está mais tão presente.

Recordo-me de uma fala sua no "O espectador Emancipado" que dizia "uma prática que é exemplarmente ambivalente, entre a arte e a não arte, a atividade e a passividade, ou seja, a fotografia" (RANCIÈRE, 2012 p. 104).

Ainda existe resistência em reconhecer a fotografia como arte, mas estamos vivendo seus efeitos e seus impactos. Assim escolhi a imagem dessa bela construção com o objetivo de eternizar na memória aquilo que um dia será ruina do tempo.

E falando em tempo, ele é mesmo interessante, hora parece ser ave, que brinca e voa sobre a brisa suave, hora é verdadeira tempestade, que devasta e leva à ruina aquilo que um dia foi arte.

Esta casa antiga era carregada de desejos e sentimentos, ou como pensava Coli (1995), "um agregado de cultura envolta em um objeto que dão a ele um título especial, que necessita ser legitimado", ainda que não seja um quadro exposto em um museu, o seu hall de exposição é a rua e seus transeuntes diários são quem a legitimam como arte!

O tempo, porém, é poderoso carrasco em sua existência, pode eternizá-la, deixando seus traços marcados e cheios de história em meio à contemporaneidade ou pode transformar sua sólida parede em pó e reduzi-la a fotos velhas guardadas no fundo de uma gaveta.

O seu jardim belo e florido se reduziu a berço para pragas, suas paredes sofrem com as dores do tempo, suas janelas ficam feias e não mais levam a luz a seu interior, já não há mais felicidade em sua sala, nem contos fantásticos antes do boa noite.

O tempo muitas vezes é impiedoso, e como se fosse o quadro de René Magritte do cachimbo que não era um cachimbo, a velha casa passa não ser uma casa, vira um lote no centro da cidade que deveria abrigar um prédio, ou um comércio, a verdadeira traição da imagem.

Gell (1998) acreditava que as sensações e sentimentos despertos nas pessoas eram capazes de gerar ação, não sendo a arte viva nas coisas, e sim nas causas, nos fatos, e em toda turbulência que ela promove. Assim as paredes fizeram sua parte, guardaram lágrimas, raivas e felicidades encheram corações de reações e deixaram marcas naqueles que ali viveram suas histórias.

Me despeço pedindo que contemple esta bela obra, enquanto suas paredes ainda se sustentam.

Com carinho,

Aline.

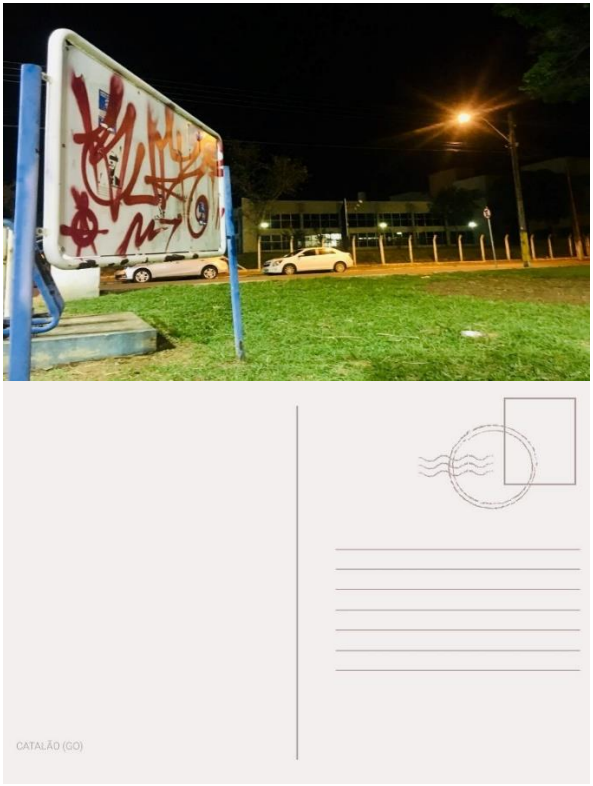

Imagem 2: O contraste do que é visível
Fonte: Arquivo pessoal.

Querido Rancière,

Foi depois de ter contato direto com as variedades cultural-históricas, opiniões e debates, proporcionados pela experiência de morar sozinha e frequentar uma universidade federal no interior de Goiás, que pude me atentar à teoria que você descreve perfeitamente em sua obra "Partilha do sensível" (2005). Nela você defende que a arte e a política são essencialmente estéticas e estão moldadas de acordo com o mundo sensível, que define o que é comum, partilhado com todos, e suas partes exclusivas, as quais consideram o tempo, o espaço e as atividades do sujeito. Ficou mais compreensível para mim a partir da interpretação que tive desta foto que a partilha do sensível define quem pode tomar parte do comum de acordo com seu tempo e espaço. O local de visibilidade e legitimidade infelizmente não é partilhado com todos. Justamente a organização e reorganização que é aceita na configuração do espaço, tempo e identidade que definem esta partilha do sensível.

Estava eu em um momento de descontração na minha noite quando me peguei refletindo sobre a cena que chegava aos meus olhos e resolvi fotografar para poder te mandar justamente por, depois de refletir, lembrar-me de seus registros. Queria eu poder entender a mensagem que certamente essa pichação busca passar, a intenção de seu autor, o qual muito provavelmente não era apenas praticar um ato de vandalismo ali. Uma mensagem que passava despercebida, que não era olhada com zelo, um ato normalmente apontado como crime. Isso, meu caro amigo, acontece pelo fato de que o local não está no espaço de visibilidade, da legitimação, permitindo-nos concluir que o comum partilhado não é tão comum a todos assim. Faz-se ver

assim uma maneira de fazer arte, que não é pensada como arte no sentido posto pela comunidade.

Aos fundos, a universidade, lugar de voz, produção, técnica e arte. Ela se encontra na escuridão, desligada de qualquer atividade, mas, ainda assim, tem o conforto de estar ali no outro dia sendo palco de criação, perpetuação de conhecimento e mensagens. Já a mísera placa, ali "a tempo e a hora" pra quem quiser sendo apenas um sinal de depredação, meio em que um indivíduo encontrou para externalizar o que tem a dizer, mas carece de tempo, e visibilidade. O mais triste é que passamos por tempos difíceis, e até mesmo o meio que mais produz nesta cidade, a universidade, pouco fazem para que mantenha seu mínimo funcionamento.

Espero que você venha me visitar em breve para que eu possa te apresentar esse local de resistência, que ainda produz arte, queiram legitimar ou não.

Um abraço;

Amanda.



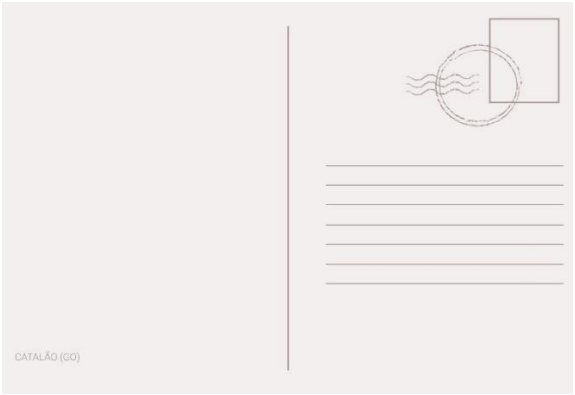

Imagem 3: Circuitos
Fonte: Arquivo pessoal.

Prezada Ilana,

Foi pensando em nossa última conversa que decidi escrever esta carta. Diante da diversidade e da multiplicidade que assola nosso país, pude perceber a relevância do tema abordado em seu texto "Arte em contexto: o estudo da arte nas ciências sociais", uma vez que é preciso o engajamento político e social acerca da legitimação da arte, bem como conversamos.

Diferentes formas de se viver, diferentes culturas, perspectivas e atravessamentos fizeram urgir diferentes manifestações do ser e do estar no mundo, enquanto organismos complexamente vivos no sentido químico, biológico e fisiológico, também o somos em nossas cosmologias e cosmogonias. Aceitar tal realidade não é mero

capricho, mas sim uma condição essencial para se entender, aceitar, respeitar e fazer resistir toda a humanidade.

O que quero dizer é que diferentes pessoas mantêm-se não só sobre diferentes condições materiais de existência, como também sobre certos discursos e legitimações. E é justamente graças a essas e tantas outras diferenças que é possível verificar tantas e tamanhas formas diferentes de arte. Ou em outras palavras, tantas e diferentes formas de se manter vivo, de ser e de estar no mundo.

É pensando nisso que a foto se encaixa. A criação de circuitos em virtude de discursos e legitimações subsequentes, não se afastando da política e do Estado que endossam camadas, que determinam de forma crua o que é a arte. Agora entendo o que você escreveu: "cientistas sociais correm o risco de cair em explicações deterministas e exteriores, que negligenciam as especificidades do mundo da arte".

A imagem traz uma visão peculiar. Linhas, cercas, fios e um poste sob um céu azul e imenso nas ruas de Catalão. Atravessamentos e recortes que simulam a trajetória não linear e dinâmica da arte enquanto manifestação de corpos viventes. O paradoxo entre o muro e a imensidão só mostra o quanto certas construções limitam o ilimitado poder criativo do homem. O ângulo escolhido é crucial para manifestar tais olhares. E muitas outras possibilidades de ângulos e olhares são possíveis dentro dessa pequena - mas significativa - foto, com outras significativas narrativas e pontos de vista.

Por fim, agradeço-te, Ilana, pela conversa, pelo texto, pelas vivências compartilhadas nesse encontro. Espero que retorne às ruas de Catalão para explorarmos outra manifestação, dentre as infinitas manifestações existentes e resistentes. Porque viver é se manifestar.

Abraços,

Beatriz.

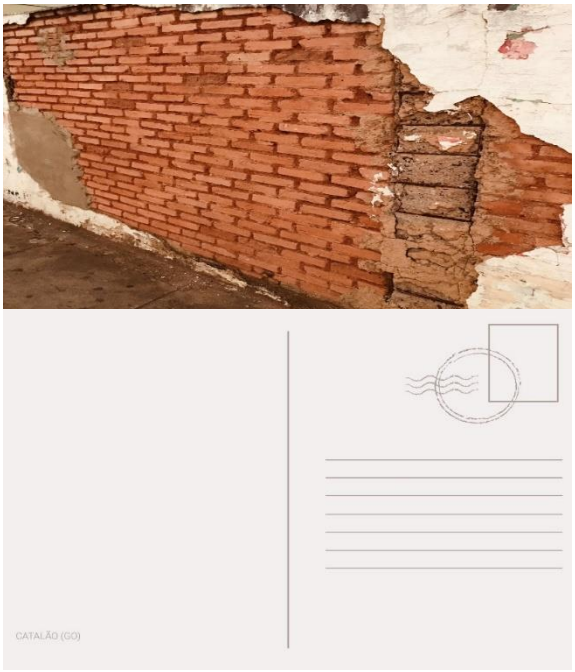

Imagem4: Improvisado arranjo do cercamento
Fonte: Arquivo pessoal.

Caríssimo amigo distante,

Venho por meio deste postal traduzir uma perspectiva sensitiva pela qual todos estamos passando. Espero que você entenda que por meio da metáfora sensível existe uma base sólida de compreensão que aguarda a tua leitura aguçada. Há cerca de alguns dias tenho notado o quanto as coisas se tornaram efêmeras e rápidas, talvez essa fluidez traduza a pós-modernidade. Em vista disso, pensei em traduzir como um muro pode servir de metáfora para explicar esses novos tempos.

Para Foucault (1973), a semelhança serviria à representação, enquanto a similitude serve à repetição que ocorre através dela. A imagem representativa em questão pode exibir as similitudes do que poderia um dia ter sido um muro coberto pela argamassa e tinta branca mas, em vez disso, a composição material que antes cobria a parte externa da parede agora exibe, através da degradação, uma imagem nova do que foi um muro linear.

Em vista disso, espero que entenda que os muros são os corpos rígidos, que cobertos de estigmas, estereótipos e sistemas de poder, são criados e moldados, bem como a argamassa que dá forma e o deixa linear. O muro se degrada para exibir sua forma original, mostra sua composição de tijolos, exibindo e formando uma nova composição visível. Sobre isso cabe falar que para Rancière (2005) a estética está intimamente ligada à política, e por que não pensar no corpo como ponto de partida para a incidência da política? Portanto, o corpo das dissidências também é esse corpo que se livra dos regimes de poder para produzir uma nova visibilidade de ser. Esse movimento pode ser muito bem interpretado de diferentes formas, e por diversas vertentes, no entanto escolhi Baumam (2001) para falar que o século XXI seria a expressão das novas configurações sociais da modernidade líquida. O autor, ao trabalhar numa perspectiva de uma linguagem metafórica acerca da modernidade liquida, vai salientar que o indivíduo passa por um processo ímpar das reconfigurações de suas formas de expressão.

Em virtude disso, para Bauman (2001), a característica que torna a nova modernidade diferente seria o declínio da ordem perfeita, em que tudo possuía um lugar certo, ou mesmo o domínio sobre o futuro. O muro exibido na imagem é, em suma, uma metáfora subjetiva dos corpos destoantes da linearidade sistêmica dos antigos regimes de poder. Esses, por sua vez, nas suas dissidências irão produzir novas possibilidades do visível, esse regime é partilhado e democrático (RANCIÈRE, 2005).

O muro em questão já se mostra público a partir do momento que ele se encontra nas ruas de Catalão-GO sendo interpretado de diferentes formas, assim como a ideia que pode assumir dentro dos meios acessíveis das diferentes colocações. A imagem também exibe um lugar que, ao passar despercebido, traduz sensibilidades que estão de acordo com a hipótese pretendida que consiste em dissecar os regimes imagéticos e traduzi-los numa perspectiva teórica.

Abraços, espero que por meio da carta (meio pouco utilizado hoje para comunicação) essa mensagem chegue assim como ela é formada, de forma paradoxal.

Att,

Dalila.



Imagem 5: PoliticArte
Fonte: Arquivo pessoal.

Caro Rancière;

Com o encerramento do semestre se aproximando, me flagrei em um momento de retrospectiva, daqueles em que tentamos significar todas as nossas vivências, ainda mais sendo esse meu primeiro ano morando em Catalão e experienciando o Ensino Superior. Após um tempo, concluí que um dos momentos mais importantes que presenciei foi o retratado na foto deste postal que lhe envio: a ocupação da Universidade em uma greve de 48 horas pela educação.

Imediatamente, lembrei-me de sua obra Partilha do sensível (2005), cujo nome faz referência ao conceito da relação entre o espaço comum e compartilhado e suas divisões em partes de acordo com o recorte. Desse modo, a Universidade é um espaço comum partilhado entre os docentes, discentes e todos os trabalhadores do local, frequentada por nós cotidianamente. Entretanto, nessa ocasião específica, foi ocupada por uma parte da comunidade acadêmica em prol de uma causa maior: a luta para que esta continue a existir diante de todos os ataques que vem sofrendo por parte de um governo que busca o desmonte da educação pública no país.

Ainda pensando nessas associações, coloco uma citação sua sobre a relação entre política e arte:

> Porque a política, bem antes de ser o exercício de um poder ou uma luta pelo poder, é o recorte de um espaço específico de "ocupações comuns"; é o conflito para determinar os objetos que fazem ou não parte dessas ocupações, os sujeitos que participam ou não delas, etc.

> Se a arte é política, ela o é enquanto os espaços e os tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e dos tempos, dos sujeitos e dos objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define uma comunidade política (RANCIÈRE, 2010, p. 46).

Desse modo, a partir deste postal, tenho a oportunidade de emergir visibilidade e fazer circular, através da arte, um movimento político que aconteceu na cidade e uma luta que deveria ser de todos e ainda não está encerrada. É de suma importância, em uma cidade pequena como Catalão, trazer a comunidade para mais perto das mobilizações que ocorrem, para que cada vez mais pessoas percebam a necessidade de participar politicamente da sociedade.

Espero que em breve você possa vir a Catalão, conhecer a Universidade e os demais espaços que frequento.

Um caloroso abraço,

Érika.



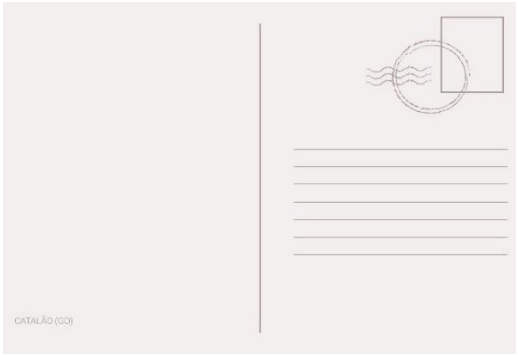

Imagem 6: Sem Título II
Fonte: Arquivo pessoal.

Lembrei-me de você ao longo de intermináveis e quantificáveis sessenta e quatro horas de aulas, de muita leitura, de muita escuta, de muito silêncio - tanto discurso. "As palavras têm sua importância", você me disse, mas "quando as palavras estão enviesadas, acabamos por pensar de forma enviesada" (BENSAID, 2010), ou pior, corremos o risco de ser pensados e falados por longas e infindáveis horas – "ah, si me permiten hablar...".

Pensei na urgência da luta pela manutenção intransigente do desentendimento e da discórdia contra toda tentativa de "se manter fora do alcance das impurezas da política ordinária" em contradição com uma postura estética e filosófica que as recusa em prol do "dissenso". O problema, concluímos, é que "nem por isso deixa de construir uma política, que oscila entre um elitismo esquerdista e uma retirada contemplativa" para o "silêncio do mar".

É preciso dizer: nós não fomos a "dissenso records", nós somos a onda senoidal – sinewave -, somos o próprio mar, a própria onda e todo o seu barulho quando arrebenta. "O mar não parou para ser olhado", diria Leminski (2013). Somos tão subterrâneos que pretendemos revolver tudo. Estas eram as nossas estratégias, mas isso não é tudo, era também uma alternativa com conteúdo propositivo, uma tomada de posição pela superação, contra todo novo discurso unidimensional – uma onda flat, plana, chata.

Assim como você, também tive um primeiro reflexo de atração por estes discursos de resistência e dissenso, mas também não fui, portanto, até a adesão. Isso foi há bastante tempo, algumas décadas decorrem deste debate (uns cinquenta anos!), quando evitar a política por meio de uma filosofia do acontecimento, uma filosofia da igualdade, uma filosofia da inventividade, pareciam formas sofisticadas de evitar a própria política, ou, ainda, formas sofisticadas de evitar a filosofia da práxis?

Aprendemos com Tom Zé, que "toda geração tem a obrigação de compreender seu tempo para fazer a antítese dele" (2016). Essa tal proteína da rebeldia não deixa muito espaço para a escolástica, ela nos leva para o movimento, o movimento real.

Acerca disso, não cabe muita palavra escrita, já que minha linguagem é a linguagem dos instrumentos, as palavras em movimento. Tá lá nos céus violentos de maio e também em metropolitano - passional - idealista. Está também em tudo que se sucedeu de dois mil e cinco para cá, tanto mar, tanta onda. Diria, desde os morangos cinzentos vieram mais oitenta, e dos outros tantos nomes, tantos continuam a ser chamados, já são mais de duzentos. Mas, e a arte? Não sei, importa pouco... Tem gente que chama isso da relação entre saber instituído – saber instituinte. O perigo é o de hospedar o opressor, de opor a norma à vida, de se tornar sádico...

Concordamos, "o pensamento de Marx não precisa ser atualizado. Ele é atual. Sua atualidade é a atualidade do capital, que é o [seu] objeto crítico" (BENSAID, 2010, p. 93). Você tem razão, Bensaid, sobre todo o resto: é importante não embaralhar as linhas. Assim, me posiciono firme e forte ao teu lado com as armas da crítica e a crítica das armas. No mais, abandonamos tanto mais prazerosamente esta carta à crítica roedora dos ratos.

Um abraço;

Felipe.





Imagem 7: As mona Atrevyda pedem a palavra
Fonte: Arquivo pessoal.

Cara Linn da Quebrada,

Desde que nos conhecemos tenho (re)configurado meu olhar em torno das questões que você tem evidenciado em nossas conversas e, principalmente, nas suas canções que ouvimos juntas.

Como lhe contei anteriormente, moro em Catalão (GO) atualmente, mas nasci e fui criado em Pires do Rio (GO), cidade consideravelmente menor em relação à primeira. Uma das minhas ânsias, e talvez uma das mais ingênuas, era sair de minha cidade natal para poder explorar mais livremente as potências de meu ser. Acreditava que, aqui, as condições de possibilidades de aparecimento seriam diferentes. Estava enganado.

Os regimes de visibilidade socioculturalmente estabelecidos aqui em Catalão, no tocante ao recorte que atravessa a dissidência sexual e de gênero de nossos corpos, definem possibilidades quase nulas de aparecimento para os corpos e afetos que destoam da inteligibilidade normativa das existências. As dissidências são compulsoriamente afastadas do trato público e transpostas aos únicos territórios que lhes cabem: os do sigilo.

Recentemente, li um autor, Rancière (2005), que diz que a política está fundada em uma estética que se vincula aos aparatos sensíveis compartilhados por um grupo que produz, paralelamente, a repartição deste em partes exclusivas e discordantes. A expressão artística, contudo, possui ponto de origem correlato ao da política: o sensível. Assim, a arte se apresenta como formas de inscrição do sentido da comunidade e neste ponto se torna política: por recortar um certo espaço-tempo em contraste com um espaço-tempo coexistente. Me lembrei de você que, acredito, já deve ter lido.

Estou lhe enviando este postal, pois o lambe-lambe nele fotografado, além de referenciar diretamente sua música "Enviadescer" (2017), expressa a disputa, presente em seu artivismo, pelo espaço público interdito como passível de ocupação por apenas um sensível específico. A intervenção evoca o regime de aparecimento público no qual as dissidências estão inseridas em Catalão que, apesar de uma cidade não tão pequena, ainda se nutre de um imaginário conservador.

O lambe, ainda, interfere com este recorte de manutenção da (in)visibilidade de existências, jogando a luz para aqueles corpos que se recusam a continuar na penumbra "puxando navalha" para se protegerem, evidenciando a necessidade de expansão dos limites de aparição pública-privada e do que se pode dizer sobre o que é visto (ou não).

Estou esperançoso de que o enviadescimento há de chegar.

Enfim, me despeço aqui certo de que nos encontraremos em breve.

Grande abraço,

Higor.





Imagem 8: O abandono
Fonte: Arquivo pessoal.

Querida mãe;

Venho por meio desta carta informar-lhe como anda minha evolução na faculdade, não estou há muito tempo aqui, mas noto que minha noção de mundo tem mudado bastante. Nesta breve estadia pude me sensibilizar e conhecer vertentes antes não vistas por mim. A maneira de se enxergar a arte e a maneira de se enxergar a realidade têm me intrigado bastante.

Tanto obras de Rancière como de Foucault têm me aberto os olhos para novas perspectivas, estas obras que proclamam o difícil papel do artista em expor sua originalidade e subjetividade. Em cada uma delas o autor tem em si a genialidade de contrapor a "normalidade" descrita tanto atualmente como antigamente sobre arte, o fato é que

arte é mais que um movimento ou traçados, muito menos apenas representações do real.

Em uma obra chamada "A partilha do sensível", de Ranciére (2005), tenho me inspirado para ter novos panoramas do aspecto artístico que há nesta cidade, pude notar que não só a estética como também a política são formas de se exprimir a arte. Em seu contexto a crítica é imposta sobre a modernização e normalidade (o que seria arte sem ser a mímesis do que já se há), um embate de ideias contrárias. Desta maneira, pensei em expor uma ideia de imagem visual que vislumbra não o comum, mas o incomum, o que o abandono é, se não a mais pura forma do ser humano se retratar com o tempo já passado, uma maneira de se deixar rastros de uma antiga existência, de uma antiga imagem do real.

Mãe, não se esqueça "isso não é um cachimbo", Foucault (2004) teve uma significante importância para que eu pudesse entender essa nova visão, ao pensar que o abandono não é somente o abandono ou uma representação deste, pude observar que abandonar é a mais pura arte sincrônica do homem, estamos sempre a abandonar, deixando para trás traços de nós mesmos, uma eternidade de adeus sendo um não adeus. Desta forma eu sigo aprendendo, talvez não seja o mais fiel, porém quem disse que a realidade é uma só?

Um grande abraço de seu filho;

PS: estou com saudade, depois irei para casa.

Hildavilly.

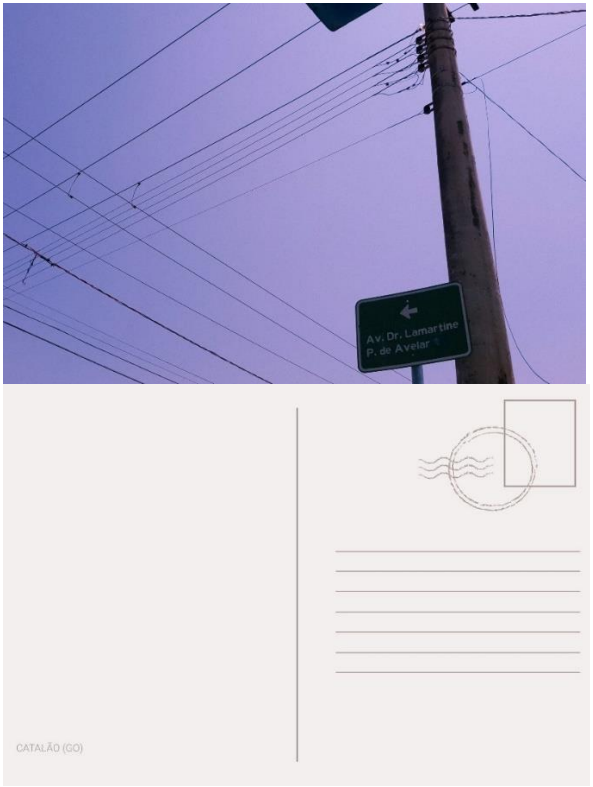

Imagem 9: Isto não é a Lamartine
Fonte: Arquivo pessoal.

Caro amigo Foucault;

É com muito carinho que venho te escrever, em especial no dia de hoje que me lembrou tanto você. Esta

manhã andando pelas ruas me perdi, e com a ausência do meu celular me orientei pelas placas. Ao chegar em casa algumas reflexões me lembraram nosso último assunto sobre o quadro do Magritte[5]. Há tão pouco estou em Catalão e, proporcional ao tempo aqui, também é pouco meu conhecimento do lugar. Como uma boa "cega de Saramago" [6], perdida me orientando para chegar a meu único lugar conhecido, a Av. Lamartine, avistei uma placa que me indicava a direção. Nela, uma seta e os seguintes dizeres: "Av. Dr. Lamartine P. de Avelar". Ali estava representada a Lamartine, mas não era ela em si.

Assim como em seu livro "Isto não é um cachimbo" (FOUCAULT, 2004) em que você desconstrói as visões clássicas acerca do quadro do Magritte, dizendo como um quadro não pode representar o real, pois nele o cachimbo está ausente de sua função material não sendo, portanto, um cachimbo, mas sim sua caricatura. Não é um cachimbo, pois cachimbo é apenas uma ideia que se sobressai aos limites de um quadro em seus padrões horizontais e verticais, ao passo que temos a representação de um cachimbo, mas ela mesma pode se refazer enquanto caligrama. Uma reinterpretação da arte a fim de visualizar as entrelinhas, o submerso que não está dado, mas que merece ser visto. Assim foi que enxerguei nesta placa a sua desconstrução e as visibilidades que ela emerge ao ser desconstruída.

A imagem remete à Lamartine, mas não é a Lamartine, pois é somente uma placa. Não é a Lamartine porque ela não caberia em uma foto. Não é a Lamartine porque a Lamartine é apenas um nome e carrega na sua concretude uma diversidade de significados e visibilidades que não caberiam em uma imagem. É como se fossemos contra Zaratustra de Nietzsche (2011) em seu ato de se isolar, já que é preciso ter espectador para que haja arte, e o estado de super-homem não fosse a aplicação de um niilismo e autossuficiência, e sim o esmiuçar da realidade e emersão de valores invisíveis, pois mesmo que a arte seja em si mesma, ela é para o outro.

Uma vez que a existência já exige uma constante resistência e luta para que o "marginal possa vir a centro", tal como afirma nosso amigo Rancière em seu livro Partilha do Sensível (2005), "estética é política". Busco com este cartão mostrar como uma estética simples serve de metáfora para um direcionamento que parte do marginal para o padrão, e isto parece ressaltar como existências exigem que o invisível vá para o campo do visto. Dessa forma, fecho minhas reflexões parafraseando Sartre (1986) quando afirma que é preciso atentar-se aos detalhes, neles estão as maiores possibilidades de resistências e existências.

Abraço da sua grande amiga;

Jovana.

[5] Novamente, refere-se à série "Traição das Imagens" (1928-29) de René Magritte, cuja referência se encontra na bibliografia.

[6] Refere-se à obra: "Ensaio sobre a cegueira" de José Saramago, cuja referência se encontra na bibliografia.

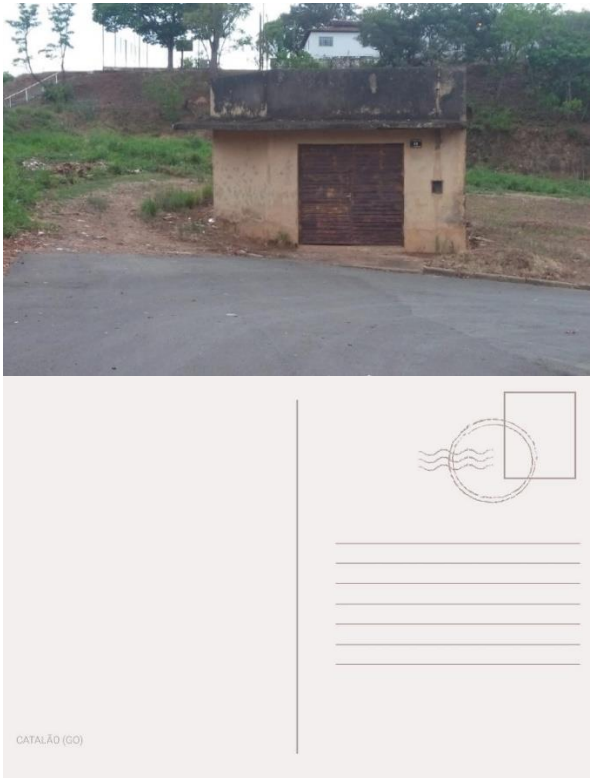

Imagem 10: Chão de terra, portão de lata
Fonte: Arquivo pessoal.

Querida Jéssica;

O ato de produzir uma fotografia e compreendê-la como um ato artístico pode ser difícil para quem nunca experimentou fotografar pensando diretamente que estava a fazer arte. Tal condição de produtor artístico ainda é alocada sobre pedestais e para quem ocupa esse papel se lançando em uma primeira experiência do fazer, pensar e elaborar, a sensação de não pertencimento a uma classe que detém a legitimidade do fazer pode estar presente.

Digo-lhe isto pois tenho sido levado a pensar a arte através da cidade, o que se torna mais difícil, posto que estou a residir, como bem sabes, em um lugar com o qual não tenho vínculos fortes, senão uma relação de necessidade. No entanto, é preciso deixar claro que tal despertencimento não anula a capacidade de estabelecer relações, fato que pude vir a extrair por meio da foto que preenche o cartão-postal que lhe envio.

Isso porque apresentou-me visibilidades outras da cidade dado um olhar diferente que se propôs pensar a arte a partir do nosso viver cotidiano, vislumbrando nessa busca questões afetivas que me trariam lembranças e recordações e me aproximariam de alguma forma deste novo lugar que agora se faz presente em minha vivência. De modo que meu olhar fugiu ao da estética comercial que pensa o belo de forma padronizada e ortodoxa e trouxe-me à questão do sensível.

> A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela "ocupação" define competências ou incompetências para o comum (RANCIÈRE, 2005, p.16).

A arte aqui foi produzida através de uma percepção do fazer artístico que não se pretende vendável, mas antes pensável, por meio da fotografia recordei-me de minha infância, de quando jogava futebol em chão de terra e usava como gol um portão de lata. A simplicidade se explicitou e mostrou-me o valor subjetivo que diferentes pontos da cidade podem representar às memórias que carregamos, mas também uma prática política, uma vez que emergimos visibilidades a localidades outras que outrora não seriam contempladas.

> [...] a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste. Daí a relação tão estreita entre o ato de resistência e a obra de arte (DELEUZE, 1999, s/p.).

Oportuniza-se, assim, uma problematização que expande o poder representativo das coisas e dos campos de saber como nos apresenta Foucault (2004), havendo uma alteração do olhar para uma nova relação com o conhecimento que está sendo gerado de construção e desconstrução.

Confio a ti essa breve reflexão e espero um retorno.

Abraços!

Luís Eduardo.

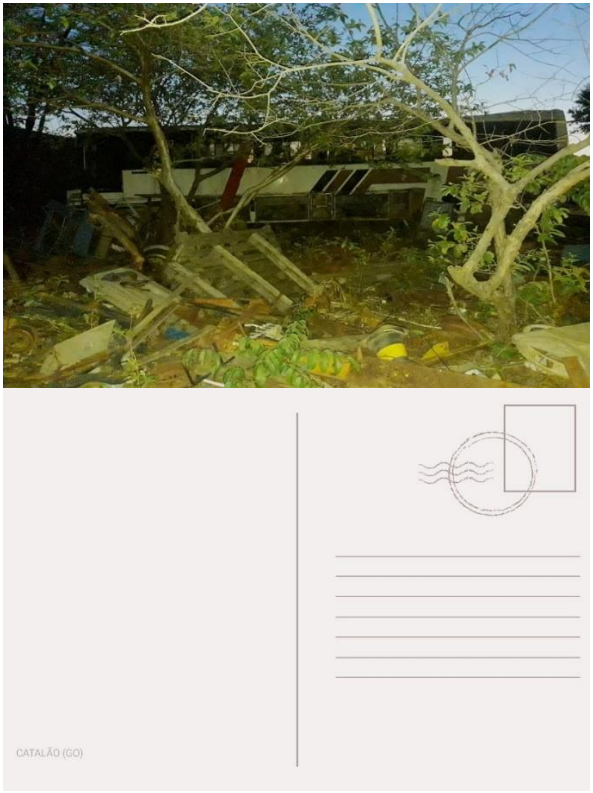

Imagem 11: Sem Título III
Fonte: Arquivo pessoal.

Querido Jefferson (Xuxuzinho);

Por estar em Catalão há pouco tempo, uns nove meses para ser mais exata, não conheço tão bem a cidade

quanto você, por isso foi bom você ter se encarregado de me mostrar lugares diversos por aqui, inclusive os mais distantes. Pensando nisso e nas muitas fotografias que tiramos, remeti-as aos recortes dos textos da disciplina Arte e Sociedade.

Como parte importante desse relato, quero destacar o livro "A partilha do sensível", pois a leitura trouxe-me reflexões sobre os lugares, os tempos e as pessoas, como estes estão dispostos na sociedade e para a sociedade. O uso destes espaços sociais da partilha do comum na sociedade faz-me refletir as complexas configurações hierárquicas e abruptas de poder, estabelecidas pelos grupos de maior privilégio que compõem o topo da comunidade. Como parte desta interpretação, cito:

> Denomino partilha do sensível o sistema de evidências que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas (RANCIÈRE, 2005, p.15).

Pensei esta foto como um local que levanta questionamentos dos lugares turísticos da cidade, na questão do abandono das partes menos privilegiadas do "comum a todos", para refletir um recorte de Catalão em um setor de turismo propositado, pois ocorre apenas nos bairros mais centrais ou convenientes de Catalão contemplados em um setor de turismo, com ângulos bem pensados para mostrar o "melhor" daqui, por exemplo: o morrinho, a represa, a Lamartine. Muitos lugares podem não enquadrar Catalão em um recorte específico de cidade que oferece bons pontos de turismo, devido a isso estes pontos são os que não entram no rol de locais que refletem o grande mundo atrás das ruas e vielas dos setores menores, que são parte de uma importante composição da partilha, que é toda a comunidade.

O ferro velho representa para mim uma partilha do comum de Catalão, sendo a cidade um conjunto de comuns e recortes de sensibilidades, que por vezes não são dispostas em postais por não serem esteticamente belas para uma representação do todo, porém esse todo não o seria todo sem as partes. Por essa representação que este lugar teve para mim, destino essa foto tirada sem muito pensar em ângulos de embelezamento ou estética a você, que me acompanhou nessa aventura, nesse tour por pequenas partilhas dessa extensa visão da cidade que ainda falta-nos muita coragem para conhecer a pé.

Paro para refletir também sobre como os lados com poucas visibilidades da cidade trazem um dissenso com o restante dos pontos mais visibilizados, provocando oposições que formam as características desse todo que é Catalão.

Espero que em breve possamos nos encontrar e levar as cachorras para passear, ver o pôr do sol e depois pedir um açaí.

Um cheiro;
Noemi.



Imagem 12: (Terça)-Feira da Vila Liberdade
Fonte: Arquivo pessoal.

Querido Rancière,

Venho me sentindo inseguro com tudo que é o existir. Seu livro "A partilha do Sensível" (2005) chegou a mim como uma reafirmação da necessidade de trabalharmos pela defesa da democratização dos saberes, onde os regimes estéticos não expilam quaisquer formas de tentar ser. Essa feira que trago fotografada agora me parece encerrar vários aspectos sociais, culturais, estéticos, políticos, econômicos e históricos dos sujeitos e consequentemente da cidade; movimentos de sensibilidades que nos denotam outras estéticas das trocas sociais, isso é, gestos de relações humanas. Receber sua provocação para observarmos a realidade da convivência no mundo enquanto uma partilha do sensível, ou talvez também uma partilha política do sensível, me leva à tentativa de uma afirmação ao dizer que esta fotografia que sugiro seja igualmente política. E por que a escolhi? Que política faço com ela?

Talvez a feira possa ser uma partilha de um sensível específico dos sujeitos que dela participam, que coisificada nesse processo de aferição do feito, tentei intercruzar às demandas desses meus dias realizando uma interdisciplinaridade transvestida de farsa compartilhada lá e cá, meu melhor gesto vívido da cidade, aglutinador e difusor de saberes populares produzidos nos gestos de feirantes e fregueses, nas ensinagens – pois ensinam de formas diversificadas – e aprendizagens – pois aprendem de formas diversificadas – que ali se "desarrollan", do português, desenvolvem. A feira realiza então essa dança de ocupação de espaços e de circulação dentro do território, compõe-se através de arranjos sociais que circunscrevem a cultura local de se fazer feira como objeto de um saber social e popular, uma partilha política do sensível que, convertida neste

cartão-postal, passa a compor minha política de fazer emergir, dar visibilidade a uma estética posta para fora dos regimes dominantes. Espero que os que receberem esse postal possam perceber a feira como uma possibilidade outra de regime estético de Catalão

Até a próxima, beijos.

Renan.



Imagem 13: Sem Título IV
Fonte: Arquivo pessoal.

Caro Rancière,

Desde a última vez que conversamos, mudei de cidade, agora estou residindo em Catalão, lembro-me de quando falávamos sobre A Política da Arte e de como a arte não se separa das vidas públicas nem das coletividades. Ao fazer todo dia o mesmo caminho até a universidade comecei a reparar na maneira de reconfiguração de um espaço comum e da experiência, nele há uma forma de arte crítica que coloca em evidência os atravessamentos de poder e os atos de resistência resultantes deles.

Há um trecho em sua obra "A política da arte" que sintetiza o que me inspirou para escrever-lhe:

Neste sentido, arte e política têm em comum o fato de produzirem ficções. Uma ficção não consiste em contar historias imaginárias. É a construção de uma nova relação entre a aparência e a realidade, o visível e o seu significado, o singular e o comum. (RAINCIÈRE, 2010, P.53).

Dessa maneira, uma nova percepção das ocupações locais desses espaços passou a ser um assunto relevante no dia a dia. Por isso, envio-lhe esse postal, com a parede de um pub, na praça do setor universitário da cidade. Essa imagem representa a suscitação de novos dissensos artísticos e as formas de resistência que envolvem o ato de pichação e todo o regime de conflitos entre o poder dominante do espaço público urbano e os atos artísticos como esse que são deslegitimados.

Gilles Deleuze (1999), em sua palestra de denominada "O ato de criação", traz uma visão de que a obra de arte possui uma afinidade com o ato de resistência,

possuindo faces, ao mesmo tempo em que é humano, também é uma obra de arte. Dessa maneira ele define exatamente o que quero mostrar através dessa foto, a resistência e com ela a emersão de novas visibilidades, a ocupação de um espaço que é tão corriqueiro e ordinário na vida da população de uma maneira a suscitar questionamentos e levantar apelos contra a imposição do poder que tenta minar as formas de existência de quem quer resistir. O autor termina citando André Malraux, escritor e diretor francês: "a arte é a única coisa que resiste à morte".

Com isso me despeço na esperança de que possa vir fazer uma visita e conhecer a cidade.

Abraços,

Tainá.





Imagem 13: Chaminé
Fonte: Arquivo pessoal.

Caro Ranciére;

Atualmente vivo em uma nova cidade em decorrência da minha aprovação na faculdade, uma conquista que não vibrei contigo pela distância. Estou nessa vivência há quase um ano e esta nova perspectiva me possibilitou pensar sobre nossa última conversa que se desenvolveu em torno da "partilha do sensível" (2005).

Meu ápice reflexivo se deu a partir dessa paisagem. Esta é a visão da janela do meu quarto. Esta mesma visão que me incomodou e que me fez pensar em todo o meu entorno, a poluição diária e ininterrupta causando um abalo ambiental e climático sentido na pele por mim e por todos da região, um calor e uma onda forte cinza de fuligem que muitas vezes recobriu o céu e a própria lua, deixando-a vermelha. Foi a partir de tudo isso que resolvi registrar essa situação, pois

você critica o fato de que pra que uma arte seja legitimada e que ganhe visibilidade, é preciso se tornar objeto de consumo da arte moderna. Mas que você assume não dever ser, já que toda arte é política e estética, que todas têm uma mensagem e deveriam ganhar visibilidade, como é o que gostaria que ocorresse com a fotografia dessa chaminé industrial. Quero que essa poluição seja vista, pois embora isso seja normalizado pela população com a conhecida industrialização, tendo a crer que não tenham a mesma vista da janela.

Além de muitas outras coisas suscitadas por você que causaram inspiração para te enviar esse postal, teria uma última recordação das suas ideias compartilhadas comigo, que afirmam que a partir do momento que a fotografia registra a vida ordinária é nessa direção que ela tenciona o mundo da arte. Recordo-me o quanto você me disse que um dia eu poderia adentrar este universo, é claro que você sempre se referiu aos meus desenhos e não à fotografia (que pode se notar tranquilamente pela qualidade da foto que não foi nada profissional).

Espero te encontrar em breve quando voltar pra Brasília no final do ano, ou quem sabe você me faça uma visitinha aqui em Catalão.

Um abraço;

Vivian.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Não há conclusões, mas aberturas a novos começos. Remapear visões e sensibilidades é uma necessidade ética, estética, sensível, inteligível, abstrata e concreta de fazer circular novas compreensões e desejos: materializando novos espaços nos espaços existentes, novos corpos que transitam diferentemente tanto nestes lugares como em si mesmos. Olhares curiosos, dialógicos, indomáveis, articulados e articuladores de uma cidade, de corpos, de relações e de uma teoria sempre porvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Henrique; GALASTRI, Leandro. *Teoria do valor, trabalho e classes sociais: Entrevista com Daniel Bensaïd***.** Revista Crítica Marxista, n. 30, São Paulo/UNESP, 2010, p. 89-102.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COLI, Jorge. *O que é arte.* Ed. Brasiliense: Sao Paulo, 1995.

DA QUEBRADA, Linn. *Pajubá*. São Paulo: Financiamento coletivo, 2017.

DELEUZE,G. "*O ato de criação*". Folha de São Paulo, Caderno Mais! 27 de junho de 1999.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Tradução Jorge Coli. Coletivo Sabotagem: 2004.

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.

MAGRITE, René. *A Traição das Imagens*, 1928-9, óleo sobre tela, 60 cm x 81 cm, LACMA – Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém.* Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do sensível: estética e política*. Ed. 34: São Paulo, 2005.

_____. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. *Política da arte.* Urdimento: Revista de estudos em artes cênicas, Florianópolis, 2010.

REDAÇÃO. *Tom Zé: 80 años y nuevo disco – Nodal Cultura: notícias de América Latina y el Caribe* . Portal Nodal. 2016. Disponível em: https://www.nodalcultura.am/2016/09/tom-ze-80-anos-y-nuevo-disco/. Acesso em: 28 de nov. de 2019.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira***.** Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

SARTRE, Jean Paul. *A náusea*. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica***.** *Educ. Pesqui.* [online]. 2005, vol.31, n.3, pp.443-466. ISSN 1517-9702. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009. Acesso: 28 de nov. de 2019.